



Mãe e filha caminham por estrada de terra batida em Presidente Kennedy

ONDE O “OURO NEGRO” NÃO SIGNIFICA RIQUEZA

Em cidades campeãs em royalties de petróleo falta de tudo

▄ VINÍCIUS VALFRÉ
vpereira@redgazeta.com.br

A mãe carrega a filha pela mão até o posto de saúde por uma estrada de terra batida. A poeira as encobre, mas elas caminham indiferentes, no sol a pino. Mais à frente, populares conversam sobre a demora nas consultas médicas e sobre investidas para tentar emprego num dos principais empregadores da cidade: a prefeitura.

A cena, de uma cidadezinha simples do interior, é incompatível com o potencial da arrecadação municipal.

Trata-se de Presidente Kennedy, Sul do Estado, de onde jorra dinheiro dos royalties de petróleo, mas sobram reclamações sobre a qualidade dos serviços. A obra da Avenida Orestes Bahiense é repleta de idas e vindas, suspensas e adiamentos.

O aspecto não é exclusividade de Kennedy. A GAZETA também percorreu Anchieta, também no Sul, e Linhares, no Norte do Estado, e constatou de perto o que impera no senso comum: as cidades são ricas, mas o dinheiro não chega a quem precisa.

Em Anchieta, a auxiliar de limpeza Neuza Toste, 41, caminha por uma estrada muito semelhante para ir ao trabalho. “Às vezes falta água, e essa estrada é péssima. Tomamos banho em casa e aqui tomamos banho de poeira”, diz.

“Para marcar e panhar um exame é 25 dias, um mês. Minha filha adoeceu e não consegui resolver aqui. Tive que pagar particular e fiquei sem dinheiro pra resolver o emplacamento da moto”, relatou o aposentado Pedro Luciano José, 75, mo-

DINHEIRO

R\$ 288 milhões

Foi quanto Presidente Kennedy recebeu em royalties de petróleo em 2014.

rador de Presidente Kennedy e dependente do veículo como meio de transporte.

Patrícia Faria tem 17 anos, abandonou a escola na 8ª sé-

rie, em Kennedy, e não trabalha. É mãe de Hugo Vinícius, de 7 meses. “Para marcar uma consulta demora pelo menos um mês. E nem sempre tem médico”, diz ela.

DINHEIRO

Em 2014, Presidente Kennedy foi a cidade capixaba que mais recebeu dinheiro de royalties e participações especiais do petróleo: R\$ 288,1 milhões. Linhares, a terceira, R\$ 113,2 milhões. Anchieta, por sua vez, é a que mais recebe repasse de ICMS. Os R\$ 174,2 milhões

repassados em 2014 corresponderam a 57,7% da receita corrente da cidade.

Nos três municípios, a falta de infraestrutura em algumas regiões está a olhos vistos e seus moradores dão inúmeros exemplos de que a riqueza não significa serviços impecáveis.

Morador de Alto Pongal, Anchieta, o motorista José Ceccon, 57, conta que esperou seis meses para conseguir agendar um exame de próstata. “O pessoal fala que tá faltando dinheiro, mas é estranho, né?!”, comenta.

Itapemirim: muito dinheiro e picuinha

▄ Ainda no Litoral Sul do Estado, a cidade de Itapemirim é mais uma no alto da lista de municípios com maior repasse de royalties de petróleo e participações especiais. Só em 2014 foram R\$ 194,6 milhões, ficando atrás apenas de Presidente Kennedy.

No ranking de receita total per capita, Itapemirim é a terceira, com R\$ 10,7 mil por morador. Está atrás de

Kennedy e Anchieta: R\$ 34,3 mil e R\$ 11,1 mil, respectivamente.

Outro ponto em comum entre as cidades é a intensidade das brigas políticas que beiram a baixaria. Após ter sido presa na Operação Derrama, a ex-prefeita de Itapemirim Norma Ayub (DEM) teve o procedimento arquivado. O atual prefeito, Luciano Piva (PSB), foi afastado duas

vezes em 2015 por suspeitas de fraudes em licitações e é alvo de denúncia de lavagem de dinheiro.

Ele a vice-prefeita, Viviane Peçanha (PSDB), romperam. Ela nem sequer compareceu à nova posse do socialista, em setembro, após cinco meses de afastamento.

Em Kennedy, o ex-prefeito Reginaldo Quinta (PMDB) foi alvo da Operação Lee Oswald, em 2012, por suspeita de desviar R\$ 55 milhões dos royalties. Preso, colocou a sobrinha, Amanda Quinta (ex-PTB, hoje no PSDB) pa-

ra sucedê-lo. Agora, ambos romperam, viraram inimigos políticos e devem duelar na eleição deste ano.

TERCEIRIZAÇÃO

Apesar do dinheiro dos royalties não servir para despesa de pessoal, nas cidades onde jorra o “ouro negro” ele é prato cheio para custeio. Quase ninguém vê o recurso como receita extra. O resultado disso é que a regra geral é terceirizar quase tudo. Daí as administrações elaboram contratos milionários que, vez ou outra, estão na mira da Justiça.



Sem sonhos

Wallace, 18, e Patrícia Rocha, 22, têm dois filhos, de 1 e 3 anos. “Não temos perspectivas boas para cá. Queremos melhora de saúde, de empregos, de diversão. Não tem nada disso”, diz o lavrador.

“Político não vem aqui não, moço. Os patrões falam pra votar em quem é do interesse deles, mas temos que votar em quem é do interesse nosso”

RAILTON TELES, LAVRADOR, 46 ANOS, morador de Linhares

“Parei de estudar na sétima série (...). Daqui a dez anos vou querer estar aqui mesmo, mas trabalhando em alguma firma”

BENEDITO TELES, TRATORISTA, 17 ANOS, morador de Linhares

Em Linhares, sobram lagoas, mas falta água

Cidade tem a 5ª maior receita do Estado, o que não livra moradores da sensação desértica

▄ VINÍCIUS VALFRÉ
vpeira@redgazeta.com.br

Após horas percorrendo periferias debaixo do calor linharenses, a oferta de um copo de água do lavrador Railton Teles, 46, é quase irrecusável. Mas saber que ele dirige mais de 30 minutos até o distrito de Povoação uma vez por semana para buscar água potável obriga uma reflexão sobre aceitar a gentileza. “Vou de vagar, às vezes duas vezes”, conta o morador da zona rural de Linhares.

Cidade-polo do Norte capixaba e com alta arrecadação de royalties, Linhares vive uma triste ironia repetida pelos municípios quando perguntados sobre os principais problemas da cidade: falta água, apesar das dezenas de lagoas – a Juparanã é a maior do país em volume de água – e dos rios da cidade.

Trocar Porto Seguro, na Bahia, pela cidade capixaba que alcançou a quinta maior receita total em 2014 não livrou o recepcionista Lucas Oliveira, 24, de frustrar-se ao abrir a torneira.

“A questão da água está ruim. Mês passado faltou por uma semana lá em casa. Comprei um reservatório. Hoje (quarta-feira) também não tinha quando sai”, comentou o morador do bairro Planalto.

No Aviso, moradores parecem acostumados. Curiosamente, dizem não ter problemas, reportam falhas com parcimônia. Uma disse que a água “está normal. Vem preta às vezes, mas depois de

duas horas está normal”. Outro, que “é normal, mas de vez em quando fica fraca”.

É o que acontece na sorveteria do Lindônio Viana, 60: “Às vezes falta médico, remédio. Agora, água. Só à noite fica forte. Deve ser porque tem muita gente usando”.

Queixas de falta d’água em municípios ricos não são restritas a Linhares. A poucos minutos do Centro de Anchieta, moradores usam fossas e ainda dependem das cacimbas.

RIO DOCE

Observando o nível crítico do Rio Pequeno, a Prefeitura de Linhares começaria a captar do Rio Doce, em novembro. No dia anterior à inauguração do novo ponto, a Samarco anunciou que a lama chegaria ao Doce. Foi feito acordo para que a mineradora construa uma captação na Lagoa Nova para dar “segurança hídrica” à população.

➤ CONTINUA pág. 28

NOS COFRES

R\$ 113,2
milhões

Foi o total de dinheiro do petróleo que chegou para Linhares em 2014.

CARLOS ALBERTO SILVA



Railton (sobre a mula) e o filho Benedito: uma jornada em busca do que beber

Poeira ofusca a saúde em Kennedy

CARLOS ALBERTO SILVA

▄ O sorriso espontâneo do pequeno Alan, 7, esconde graves problemas respiratórios que a cidade de Presidente Kennedy, em vez de ajudar a tratar, só os piora.

Ele mora com os pais e dois irmãos – Kaylane, 9, e Marco Antônio, 10 –, às margens da Avenida Orestes Bahiense, de cerca de 7 km. Apesar das janelas permanecerem constantemente fechadas, a mãe deles, Elivane Fagundes, 33, precisa limpar a casa três vezes por dia.

“Ele fica o dia inteiro tossindo. É o que mais tem problema com poeira, coitado. Às vezes, o médico daqui não resolve e temos que ir pra Vitória pra cuidar. Kaylane também sofre. De vez em quando, tosse sangue”, diz.

Os médicos já orientaram que o melhor a ser feito é mudar as crianças para um lugar mais limpo, mas o endereço é o único da família. O dinheiro de uma possível



Sorriso de Alan disfarça problemas causados pelo pó

ESTRADA DE CHÃO

“Ele fica o dia inteiro tossindo. É o que mais tem problema com poeira, coitado”

ELIVANE FAGUNDES
DONA DE CASA,
moradora de P. Kennedy

venda da casa deveria ser repartido entre oito herdeiros.

“Às vezes falta remédio. Fui buscar o anticoncepcional da minha irmã e não tinha. Mas o principal problema nosso é a pista. Tomara que saia logo”, conta a mãe.

A obra está orçada em R\$ 10,2 milhões, mas só deve começar em fevereiro. Caso não haja interrupção, deve ser entregue em um ano.

Perspectiva de futuro vira dúvida

▄ Em frente ao Ifes de Linhares, uma das principais escolas do Estado, Mariana da Silva Fernandes, 12, faz sinal de carona. Ela, a mãe, dois irmãos e dois primos criados pela mãe tentam voltar para casa, a cerca de 40km dali.

Mariana não sabe se passou do 5º para o 6º ano. Não procurou saber e ninguém lhe disse. A mãe, Marizete

da Silva, 52, não recebe mais os cerca de R\$ 300 do Bolsa-Família porque precisa carregar os meninos entre sua casa, a da irmã – de onde voltavam – e um assentamento em Sooretama. Com isso, diz ela, não frequentam a escola assiduamente.

“Escola do interior tem dia sim e dia não. Às vezes, chove, o ônibus não passa, professor não chega...”, diz.

O mais velho é Erdilânio da Silva, 17. As mais de duas horas em frente à escola federal, à espera de carona, não o inspiraram a dar outra resposta à pergunta sobre onde e como deseja estar em 10 anos: “Quero estar em alguma firma”. A resposta da Mariana é ainda menos ambiciosa. “Vou arrumar um marido, uma filhinha e vou cuidar da minha mãe”.

CARLOS ALBERTO SILVA



Marizete admite: filhos não frequentam a escola e por isso não há Bolsa-Família



CARLOS ALBERTO SILVA

Josildo mudou-se da Bahia para Anchieta, perdeu o emprego e hoje faz bico como pedreiro

DESEMPREGO AVANÇA, E JOVENS TEMEM O FUTURO

Baixa escolaridade e pouca informação marcam cidades ricas

▄ VINÍCIUS VALFRÉ
vpereira@redgazeta.com.br

Enquanto discute-se a responsabilidade da cúpula da Samarco no desastre com a lama de rejeitos de minério, pessoas muito mais simples já estão, de certa forma, penalizadas pela tragédia, embora não carreguem a menor culpa por ela. São jovens e adultos que trabalhavam para terceirizadas da mineradora, perderam

os empregos e hoje têm dificuldades para voltar ao mercado de trabalho.

Em comum entre muitos deles, a pouca formação e a imensa relevância dos pequenos salários que recebiam para o sustento das famílias. Estima-se que a Samarco empregue indiretamente 3,5 mil pessoas, além dos 3 mil empregos diretos.

Os primos Hugo Vinícius, 23, e Raoni Ramos,

ÊXODO PÓS-LAMA

“O seguro-desemprego está acabando e os bicos não aparecem. Vou ter que levar a família pra Fortaleza, se não conseguir trabalho logo”

JOSILDO DA SILVA
DESEMPREGADO

28, trabalhavam em empreiteiras diferentes com limpeza industrial e manutenção ambiental. Foram demitidos entre novembro e dezembro. Os salários de ambos giravam em torno de R\$ 875.

DIFÍCIL

“Com crise e lama deu essa paradeira na Samarco e mandaram a gente embora. Está difícil conseguir outro

emprego”, contou Hugo.

Josildo da Silva, 34, veio da Bahia em 2010. Trabalhou para empreiteiras da mineradora por quatro anos. Seu emprego foi um dos cortados na crise de 2015. Sem salário, ele complementa o seguro-desemprego com bicos de pedreiro que não serão suficientes para sustentar a mulher e os três filhos em Nova Anchieta, bairro às margens

da Rodovia do Sol.

Lá, o esgoto corre a céu aberto, a água vem de cisternas e casas têm fossas em vez de banheiros. “Tenho experiência. Se não fosse essa paradeira já tinha arrumado outro emprego”, comenta. Ele ganhava R\$ 1,4 mil.

➤ **LEIA AMANHÃ**

Disputas de grupos políticos tornam a população refém.

Lama que provocou demissão...

▄ A paralisação na Samarco desde a tragédia, em 5 de novembro, provocou uma queda de R\$ 2 milhões mensais na coleta de impostos sobre serviços, segundo a Prefeitura de Anchieta. A administração, no entanto, não fez nenhum cálculo sobre o impacto que a tragédia causou sobre a perda de postos de trabalho por lá.

Mas para Raoni Ramos, 23, ex-ajudante de uma empreiteira, o desemprego veio, sim, em virtude dos impactos da lama. “A Samarco parou tudo. E não foi só eu que saí. Mandaram mais embora”.



CARLOS ALBERTO SILVA

Hugo e Raoni perderam emprego no final de 2015

Antes do rompimento da barragem na região de Mariana (MG), o volume das exportações de minério vinha caindo, o que represen-

tou tombo de 38% no ISS da cidade. Em 2014, Anchieta arrecadou R\$ 48,8 milhões do imposto. Em 2015, R\$ 29,7 milhões.

...também atrapalha novo emprego

▄ A placa avisando sobre a venda de caranguejo, na estrada Anchieta-Jabaquara, indicava o complemento de renda de alguma família. Talvez a de alguém que perdeu o emprego por conta do freio na atividade industrial da cidade.

Alexandre Vieira, 23, apareceu na janela e encaixou-se no modelo. “Aqui nessa rua tem um monte (que perdeu o emprego no fim do ano). Ali naquela casa, meus primos. E acho que é o meu caso também”.

O jovem era carpinteiro, trabalhava dentro da área da mineradora. Perdeu o



CARLOS ALBERTO SILVA

Dispensado da Samarco, Alexandre vende caranguejos

emprego pouco antes da lama estourar e, hoje, lamenta a dificuldade para se recolocar no mercado.

O caranguejo, captura-

do no mangue atrás de casa, é complemento à renda. “Com a crise já estava ruim. Com a lama, piorou”, cita.